

# A Cidade de Ytú

ORGAN DO PARTIDO REPUBLICANO

ANNO X

REDACTOR  
Francellino Cintra

YTU, 20 de Dezembro de 1903

GERENTE  
João Pery de Sampaio

N. 732

## Collegio S. Luiz em Ytú

Do nosso collega *Correio Paulistano*, de hontem, transportamos para as nossas columnas, o seguinte:

«Escrevem-nos:

Assisti aos festejos deste grandioso collegio. Dois preconceitos, desde muito, insombravam meu espirito: a demasia dos actos religiosos, e acanhamento monacal dos alumnos.

Mal franqueei o limiar deste Atheueu, e, quasi de subito, senti dissipar-se os meus velhos prejuizos. Encontrei nos reverendos padres jesuitas a mais fidalga cortesia, caracteristica da ordem, que elles sabem tão harmonicamente unir com uma palestra delicada, culta e instructiva. Atravessando as longas fileiras dos alumnos, tão nobremente fardados, pude quasi ler nos seus semblantes as expressões risonhas, abertas, e intelligentes de jovens, os quaes, da escola tão primorosa dos jesuitas, podem afortunadamente entrar na sociedade e no mundo intellectual, com a consciencia de carear logo as sympathias e a estima de todos.

Em minhas viagens, tive ensejo de visitar em Paris os dois aristocraticos collegios dos jesuitas Vaugirard e St. Ignace; em Londres Beaumont College e Stonyhurst College em Blackburn, como tambem o collegio de Feldkinch, todos dirigidos pelos padres da mesma ordem. Pois bem, cotejando estes afamados collegios jesuiticos da Europa com o Collegio S. Luiz de Ytú, com grande meu regosijo cheguei a esta conclusão, tão honrosa para a minha terra paulista, que entre os collegios supramencionados de Paris, Londres, Feldkinch, e o Collegio de Ytú, outra differença não se encontra, afóra o idioma.

Admirado deste phenomeno, perguntei ao rev. padre José Maria Natuzzi, mui distincto reitor do collegio, como isto se podia explicar: e elle como uma simplicidade e clareza de idéas me demonstrou que as normas as quaes regem os directores, os professores e a educação intellectual, moral e physica dos collegios da ordem, são identicas em todas as nações.

Não é necessario que eu aqui enalteça a riqueza das instrumentos scientificos do museu e observatorio meteorologico, as vastas bibliothecas fornecidas das mais modernas e preciosas obras de litteratura polyglotta e de sciencias; o que mais me impressionou foi que, achando-se o collegio nos ultimos dias do anno lectivo, a disciplina, o asseio, a correccão das numerosas divisões dos alumnos, resplandeciam como si estivessem no meado do anno.

No dia 12 pelas 6 horas da tarde, abriu-se o vastissimo salão de honra, o qual se achava repleto de illustres familias e cavalheiros. Occupou o lugar de honra e a presidencia dos festejos o exmo. e revmo. d. Duarte Leopoldo, bispo eleito de Corytiba. Representou-se o grandioso drama «Uma familia de Martyres», composição do festejado poeta jesuita padre Henrique Valle.

A execução do drama, a interpretação dos difficeis papeis, a disposição dos grupos, a instantanea mudança de scenas o acerto da acção dramatica, o luxo e o rigor das vestimentas da época, dão um festemunho incontestavel da superioridade dos jesuitas e do desenvolvimento intellectual de seus alumnos em todas as justas das bellas artes e da sciencia.

Os applausos e os emboras que merecidamente grangearam os jovens artistas, patenteam a exuberante satisfação daquelle selecto auditorio.

A orchestra do collegio executou, sob a batuta do eximio maestro revmo. padre Cesar de Angelis, peças classicas dos mais afamados autores. O côro «i Lom-

## O SONHO DA ESCRAVA

AO DR. MELLO MORAES FILHO

Andava sempre triste a pobre da mulher  
Chorando o seu esposo e o filho estremecido.  
Aquelle—para longe ha pouco vendido,  
E este—condemnado a mãe não conhecer.

A's vezes, coitadinha, olhando um innocente  
Alegremente a rir p'ra quem lhe dá o ser.  
Deixava em sua face o pranto lhe correr,  
Beijando-o carinhosa, triste e meigamente.

Então, essa infeliz ao céu lançava o olhar,  
Pedia o filho a Deus, chorando amargamente  
Depois—a pobresinha—entristecidamente  
Seguia cabishaixa e sempre a soluçar.

Por fim adoeceu... o tigre, o vil feitor,  
Julgando fingimento aquelle seu penar,  
Nos troucos a metheu... do tronco foi parar  
Aquella terna mãe:—exemplo do amor.

Cançada, a pobre alli no tronco adormeceu  
Sentindo no seu peito a mais pungente dor;  
N'aquelle frio chão... em meio do negror  
Um vulto pequenino a rir lhe appareceu!

A desgraçada então, sorrindo de prazer.  
Um nome suspirou:—O' lindo filho meu!  
Depois... a rir, a rir os braços estendeu  
A fim de conchegar ao peito aquelle ser.

Porém o movimento a escrava despertou...  
O sonho se desfez voltando o padecer,  
E enquanto soluçava a pobre da mulher,  
Armado de chicote o vil feitor entrou!

PLACIDO DE ABREU.

bardi», cantado por 50 alumnos, extasiou as nossas intelligencias e interneeceu os nossos corações. Mas, aonde pude mos apreciar o valor artistico e o bom gosto do illustre padre De Angelis, foi na execução, á grande orchestra, da *Fiera di Lipsia*, de Reber. Parece quasi incrível, que o mesmo padre pudesse com tanto triumpho preparar um drama em 4 actos, e exhibir tão copiosas peças musicas.

No dia 13 pelas 11 horas da manhã, na rica e artistica capella do collegio cantou-se um *Te-Deum* solenne, sendo celebrante o exmo. d. Duarte. Occupou a tribuna sagrada o revmo. padre José M. Natuzzi, o qual, não desmentindo o renome de eloquente e douto orador sagrado que alcançou no Rio de Janeiro e em Petropolis, soube prender por espaço de 45 minutos o nobre auditorio com a sua palavra fluida, meiga e eloquente.

Pelas 3 1/2 da tarde, o immenso refeitório do collegio abriu-se, ostentando uma ornamentação pittoresca e sobria, preparado para 600 talheres. Encetou a série dos brindes o rev. padre reitor, saudando os illustres paes dos seus alumnos, ao qual respondeu em nome de todos o sr. dr. Capote Valente. Cada divisão collegial, por meio do seu especial orador, saudou com elegantes e bem elaborados discursos, ao digno reitor do collegio e a todos os mestres.

Em seguida o rev. padre José M. Natuzzi brindou ao exmo. e revmo. d. Duarte, congratulando-se que a dignidade episcopal tão acertadamente honrasse as acorsoladas virtudes, e a preclara sabedoria do joven sacerdote, cujas primicias o Collegio S. Luiz tinha a nobre ufania de colher e delibar.

Finalmente, ao *champagne* sua exaltação, agradecendo affectuosamente ao rev. padre José M. Natuzzi, levantou um brinde de honra á sua Santidade Pio X.

Durante as tres horas do banquete collegial, reinou a mais cordial alegria; e seja no serviço como na ordem, e na esmerada elegancia pude avaliar a fina

e nobre educação dos reverendos padres jesuitas.

A 6 1/2 da tarde começou-se a solemne distribuição dos premios, com a conferencia academica do laureado orador dr. Brazilio Machado. Ao assomar a tribuna o festejado e sympathico doutor foi delirantemente coberto de applausos, desenvolvendo magistral e doutamente o interessante assumpto: *A vida catholica dos jovens, através da sociedade moderna.*

A disposição methodica, o nexo logico, a unidade objectiva do assumpto, o colorido da phrase, a robustez do pensamento a pureza vernacula e attica da lingua, a majestade desta monumental conferencia, nobre da acção oratoria, captivaram e preuderam de tal maneira a attenção de mais de mil pessoas, que em todo o vasto salão parecia só reinasse o mystico silencio de um cenobio. O illustre e inspirado orador, após uma synthese historica e elegantemente burilada dos progressos scientificos, e tambem dos desvarios da sociedade moderna, divorciada da verdade eterna e da religião, rematou o seu discurso com um epigónio de todo o intimo e subjectivo, o qual imprimiu na intelligencia e nos corações de todos a mais eloquente e persuasiva adhesão a tudo aquillo que do seu labio eloquente, pelo espaço de quasi uma hora, haviamos com tanto gosto e admiração escutado.

A distribuição dos premios agradou-me immeusamente. Foram distribuidas mais de 200 medalhas de prata, e 50 coroas. Os jovens preniados tomavam assento no formoso palanque, que se erguia do tablado do theatro; recebendo a medida que o padre reitor lhes ofertava a medalha ou o laurel, applausos alternados pelos concertos harmoniosos da orchestra, a qual no fim executou o classico hymno collegial.

O collegio S. Luiz de Ytú bem pode ufauar-se de guardar as tradições avitas da ordem de Loyola. A estima que, desde 37 annos de existencia, lhe consagram as mais conspicias familias do Brazil, res-

plandece como uma aureola de gloria, a qual com toda justiça galardoa, as virtudes e o saber dos filhos de Ignacio de Loyola.

WALFRIDO D'ADHÉMAR.

S. Paulo 16—12—1903.

## O BAPTISMO

Espinhos das asperas montanhas, tojas e penedias dos caminhos virgens iam lhes comendo aos poucos os vestidos.

Quasi nus, os pés em sangue, os cabellos crescidos, ora dormindo á plena luz das candidas estrellas, nos altos cimos frios, ora invadido as cavernas molhadas—ella, encolhida, a resar, no fundo do abrigo escuro; elle, de ronda fóra, escutando os rumores da floresta e os farfalhos das folhas, na expectativa sempre de uma luta bravia com a fera, dona e senhora da humida caverna.

Andavam errantes, fugindo á vingança de um fidalgo austero—simplesmente porque ella era a primogenita do nobre e elle apenas um trovador.

Fugiam porque os corações peccaram, amando-se.

O que lhes dava algum allivio nas horas de maior tristeza era o sorriso da creança que ora a mãe levava ao peito junto ao seio, ora o pae acariciava mais apertada ao coração.

Nessa jornada amorosa através dos desertos, não batidos, viviam como barbaços—nutrindo-se de fructos, menos a creaturinha; que essa havia sempre leite.

Uma noite, parando num arido e esteril monte, nú e secco, a mãe desventurada notou que o filho estremecia. Um pensamento tragico agitou-a.

—Depressa, Alcindor... Depressa! Agua! Agua! meu amor que o pequenino morre!

—Agua! exclamou o trovador, correndo os olhares anciosos por todo o monte calvo.

—Sim! Depressa! Depressa... para baptisai-o.

A creancinha agonizava á luz dos cirios pallidos do céu.

Alcindor desceu o monte aos saltos e ganhou a floresta da aba, em demanda de um rio ou de uma fonte onde apanhasse um pouquinho d'agua.

Pobre Alcindor!  
Não havia na floresta um veio! Em toda a redondeza nem signal de arroyo!

Meia hora depois o trovador errante voltou com uma folha verde, vagaroso, passo a passo, para não perder o precioso achado.

—Edwiges, aqui tens. Toda a agua que encontrarei:—duas gottas de orvalho numa folha...

—E' tarde, Alcindor... o pequenino foi-se!

—Sem baptismo! pagão!?

—Descança! baptisei-o. Tu não achaste fonte na floresta, eu achei-a bem perto. Olha, molhei-o todo.

—E onde descobriste a fonte amor?

—No coração: baptisei-o com lagrimas.

CORLEO NETTO.

## Na roça

Eram seis horas da tarde.  
No cimo dos altos montes o sol doirava ainda o verde escuro da paizagem. O caminho largo da estrada de rodagem, que levava á fazenda de San-

Justa, era varrido e tratado com cuidado. Passaros voavam em busca de seus ninhos queridos.

Um carro de bois, rangendo monotono approximava-se da casa, para descanço. Os carreiros vinham fatigados; todo o dia, desde o romper da aurora tinham trabalhado sem cessar.

O dono daquellas terras era um homem muito bom e bemquisto.

A fazenda de Santa Justa era herança que já vinha dos avós do capitão Junqueira.

A familia do fazendeiro compunha-se de um filho e tres filhas, já moças.

O rapaz, que tinha ido estudar na Europa, voltara, ha poucos mezes, formado em direito. Veiu da Allemanha com o espirito fortificado e enriquecido pelos estudos scientificos e com a alma descrente e abatida pela duvida, pelas scismas, pelas incertezas crueis, pelas terriveis surpresas que teve ao querer perscrutar o ao coração humano.

Era um triste e descrente o filho do capitão Junqueira, o Dr. Oswaldo.

As distracções proprias da fazenda, os passeios campestres, as pescarias, as caçadas e os divertimentos simples da vida da roça, não o attrahiam, absolutamente. O pae desde que enviavara, concentrou toda a sua vida educação e felicidade dos filhos. O pobre homem aborrecia-se com o genio pouco affavel de Oswaldo.

Muitas vezes se arrependeu de o ter mandado para Allemanha, attribuindo a indole fria e pouco communicativa do filho á convivencia que tivera, com pessoas indifferentes, por tantos annos.

Nessa tarde, o capitão Junqueira lembrou-se de propor ao filho um casamento vantajoso. «Quem sabe, dizia elle comsigo mesmo, si este rapaz, casando, mudaria de genio? Isto assim não pôde continuar, não admitto que, tendo-se saude e familia e dinheiro e boas amizades, se possa assim viver sombrio e teciturno...»

Nem eu com a velhice, com os achaques, com a viuvez e com o rheumatismo.

Estavam os dois na varanda, a sós, apreciando a tarde que cahia a pouco e pouco. Uma nuvem cor de rosa, lá muito longe, no horizonte, dava um tom suave de poesia áquelle logar. Voltavam de seus trabalhos afanosos os carreiros, cantando uma cantiga triste.

O capitão Junqueira tomou coragem e, sorrindo, perguntou ao filho si não pensava ainda em se casar, pois que ia sendo tempo.

Oswaldo, sem hesitar um segundo, respondeu: Tenho medo, muito medo do genio voluvel e leviano das mulheres, em geral. Ha muito que analyso e estudo o caracter feminino. Entendo que isto de felicidade em casamento é cousa muito duvidosa e muitissimo arriscada. Si eu encontrasse uma mulher que me entendesse... mas qual. Naturalmente ficarei solteiro a vida toda; receio não acertar na escolha.

—Has de acertar, espero em Deus, has de acertar. Olha, meu filho, ouve bem o que te vou contar, que é verdade.

Quando moço, tive as mesmas apprehensões que tens agora. Receiava muito não saber escolher a mulher que deveria ser a minha companheira para toda vida. Gostava de algumas moça de meu tempo... e botando a parte a modestia... ellas tambem gostavam muito de mim.

Ahi, o velho sorriu, saboreando ainda um sentimento delicioso, mixto de vaidade e de orgulho. E, continuando a narração, os olhos delle brilhavam, a doce reminiscencia do passado inundava-lhe a alma toda em ondas de poesia e de amor.

«Eu estava em boa posição de fortuna, já tinha esta fazenda de Santa Justa e as outras do Agua pé e de S. Marcos.

Não tinha estudos superiores, mas o que me faltava em sciencia sobrava em astucia, como vais ver.

Lembrei-me de dar uma festa no dia de meus annos, mas festa em ordem, grande, bonita, sumptuosa.

Minha mãe, que Deus haja no céu! promptamente acceden ao meu desejo e fomos para cidade unicamente para realisar meu intento. Não imaginas, meu filho, que alegria e que roboção reinou em nossa casa, por esse tempo! Era uma lufalufal constante; minha mãe que era excellente doceira, muitos dias

antes começou a fazer doces e mais doces. Reformamos a casa e os trastes e começamos na faina os convites. Meu quarto, por ser o mais espaçoso, e o mais proximo do salão, foi designado para *toilette* das moças; era contiguo ao quarto de minha mãe por onde se fazia a entrada.

Tive o cuidado de convidar todas as familias de nossas relações, a festa era geral. A's oito horas da noite começaram a affluir as familias e cavalheiros convidados.

A casa estava irreprehensivelmente arranjada. Pudera! Minha mãe era muito caprichosa e tinha bons criados, naquelle tempo.

Era um mimo aquillo tudo! Eu trouxe lá dentro uma vassoura e atravessei a no chão, mesmo á entrada do quarto da *toilette*.

Minha mãe se espantou com aquella idéa exquisita e quiz levantar do chão a vassoura, que ali estava.

Eu pedi que deixasse, que não tocasse naquelle objecto alli imprprioamente collocado, e' uma fantasia que tenho, disse, um desejo extravagante, quero que essa vassoura fique desse logar, hoje, durante a festa.

Minha mãe, por certo, me tomou por doido nesse momento. Insistiu... e eu tambem insisti. A vassoura ha de ficar ali nesse logar, disse, elevando a voz, com o ar autoritario de filho unico de de viuva rica.

Dahi a pouco, uma criada solícita, que por alli passara, levantou a vassoura para collocar a em seu logar.

Nova historia, nova discussão, dessa vez, com menos teimosia, pois, a criada... era uma criada e eu o filho unico de fazendeira rica.

Ficaram, pois, avisados todos em casa de meu exquisto desejo, que tinha a força de uma ordem.

O aspecto do salão era encantador, muitas luzes, todas as janellas abertas, flores em profusão, musica, muita alegria. Ia começar o baile.

Eu estava atarefadissimo a fazer as honras do casa e a conduzir as damas a *toilette*.

Cada moça solteira a quem eu offerecia o braço, ficava radiante.

Realmente, meu filho, eu era um casamentão; era a menina dos olhos dos paes que tinham filhas para casar. Como já disse, a entrada do quarto de *toilette* era forçosamente aquella onde estava, atravessada ao chão, e irreverente a celebre vassoura.

As moças, ao passarem por alli, pulavam por sobre aquelle trombolho, umas pareciam não dar por isso, iam se requebrando diante dos grandes espelhos daquelle aposento; outras empurravam-na com a ponta do sapatinho de setim.

Uma dellas tropeçou e quasi caiu; outra não pode conter uma phrase de censura áquelle vassoura, alli collocada como um estafermo.

Essa phrase, eu a ouvi distinctamente, era illusiva á falta de cuidado de minha mãe. Contada!

Então, meu filho, dezenas de jovens bonitas e feias, ricas e pobres, instruidas ou não, aristocratas e humildes, passaram por alli, pulando e empurrando, maldizendo e tropeçando naquella vassoura que era a nota dissonante do capricho e apurado gosto daquelle sumptuosa festa.

Passou finalmente uma joven que se dignou apanhar do chão a vassoura e collocar a a um canto do quarto.

Eu, que observava, com interesse, aquella scena muda, disse commigo mesmo: aquella é a melhor de todas, é a que serve para boa esposa, é a que melhor comprehende os deveres de dona de casa, é a que pelo exemplo saberá guiar e governar os filhos e fazer do lar um delicioso abrigo.

—Quem era ella? papae, pergunta Oswaldo, curioso.

—Tua mãe, meu filho, tua mãe, responde o velho a suspirar, tua mãe me fez o mais venturoso dos maridos.

—E papae até então não tinha tenções de se casar com ella?

—Ah! meu filho, eu era assim como tu és, um desconfiado, um medroso. Fiz a experiencia da vassoura e... e para que te occultar?

Durante a festa, dancei tanto com tua mãe e gostei tanto della que, á sahida do baile, lhe di se a primeira phrase de amor. D'ahi a dois mezes nos casavamos.

A festa foi aqui nesta fazenda, por uma tarde como esta, tão bonita...

Seriam seis horas da tarde mais ou menos, o sol doirava ainda o cimo dos altos montes, como me lembro! o altar foi alli naquelle canto... e apontando tristemente para o salão... foi alli... foi alli. E o velho, que tinha nas faces um sorriso de bondade e na voz uma nota plangente de saudade eterna, deixou rolar, vagarosamente pelas barbas brancas, grossas lagrimas de suave consolo, que mais pareciam perolas soltas sobre um manto de arminhos...

MARIA CLARA DA CUNHA SANTOS.

(Dos Painéis).

## REGISTRO CIVIL

MOVIMENTO DO MEZ DE NOVEMBRO

### Nascimentos

DIA 2.—Elvira, filha de José Fructe. —Joaquina, filha de João Baptista Claro.

DIA 3.—Isidoro, filho de Bento Jorandes Camargo.

DIA 5.—Benedicto, filho de Raymundo Leite.

DIA 7.—Eugino, filho de Maria A. Leme.

DIA 8.—Santa, filha de Deluca Antonio. —Irenes, filha de Alexandre Baretta.

DIA 9.—Paulino, filho de Justino Zanca.

DIA 10.—Anna, filha de João Alves. —Luiz, filho de Caetano Meiralia. —Benedicta, idem.

DIA 11.—Ozorio, filho de Henrique Baldine.

DIA 12.—José, filho de Joaquim da Costa. —Ignacio, idem.

DIA 13.—Domingos, filho de Vergilio Damna. —Benedicta, filha de Luiz Antonio Nunes.

DIA 14.—Felomena, filha de Bordignon Dionizio. —Ízabel, filha de dr. Augusto Cruz.

DIA 15.—Joanna, filha de Augusto Gusmão. —Eurides, filha de Manoel Araujo Vianna.

DIA 16.—Roberto, filho de Luiz Bonatto.

DIA 18.—Victorino, filho de Benedicto Antonello. —Agnardo, filho de João David Vieira da Silva. —Jeronymo, filho de Ezechias Alves Araujo.

DIA 19.—Luiza, filha de Luiz Antonio Almeida. —Antonio, filho de Benjamim Lavance.

DIA 20.—Francisca, filha de Maria Padilha. —Raquer, filha de Anselmo Zanini. —Maria, filha de Domingos Honorato Amaral.

DIA 21.—Aurelia, filha de Jacob Salvador. —Liberia, filha de Candiano Pedro. —Benedicta, filha de José de Oliveira Roza.

DIA 22.—Rozalia, filha de João de Campos Leite. —Antonio, filho de Victorio Costa.

DIA 24.—Angelo, filho de Gervasio Saltorato.

DIA 25.—Carmelino, filho de João Antonio Godoy.

DIA 26.—Bermira, filha de Eliziario José Araujo.

DIA 28.—Josephá, filha de Frotto Miguel.

DIA 29.—Vergilio, filho de José Antonio dos Santos. —Durval, filho de Victorio del Campo.

DIA 30.—Octaviano, filho de Luiz Corsi. —Noel, filho de Bortolo de Rossi.

### Casamentos

DIA 7.—Agnolotto Giuseppe e Bergamin Anna Maria.

DIA 14.—Massoni Giuseppe e Margarija Pedrasali.

DIA 28.—Gastão Fernandes Gusmão e Emilia Saldanha. —Dario Rocha e Maria Eponina Pacheco Jordão.

### Obitos sepultados

DIA 1.—D. Maria Fausta da Fontoura Barros, 28 annos, brasileira, casada, Toxchínia.

3.—Maria Joaquina de Souza, 55 annos, brasileira, viuva, sem assistencia medica.

4.—Victorio Tavaleti, 35 annos, italiano, casado, febre typhoide. —Ignacio de Paula Leite, 50 annos, brasileiro, solteiro, sem assistencia medica. —Sebastião, filho de José Mendes, momentos de vida. —José, filho de Benedicto Pires de Camargo, sem assistencia medica.

5.—Magdalena Brach, 79 annos, italiana, viuva, sem assistencia medica. —João Rodrigues de Almeida Nobrega, 57 annos, brasileiro, casado, erisipella.

7.—José de Barros Freire, 22 annos, brasileiro, solteiro, phimatose generalizada e mal de Pott.

9.—Francisco Ramós, 40 annos, portuguez, casado, um choque na cabeça. —Maria, 70 annos, brasileira, casada, repentinamente.

10.—Rita Maria de Jesus, 58 annos, brasileira, casada, lesão cardiaca.

11.—Avelino Leite de Camargo, 34 annos, brasileiro, solteiro, carliscia palustre. —Joaquim, filho de Manoel Francisco Nobrega, 2 annos, sem assistencia medica. —Rita, filha de Luiz Barbosa da Silva, 1 anno, sem assistencia medica.

13.—Basilio Fonseca, 40 annos, brasileiro, casado, insuficiencia artere. —Ermantina Bueno de Camargo, 11 annos, encephalite pulmonar. —Maria do Carmo Duarte, 15 annos, solteira, renitente typhoide. —Julia, filha de Attilio Della Nina, 5 annos, menegite.

14.—José Bernardino de Freitas, 62 annos, brasileiro, viuvo, syphilis constitucional. —Leopoldo de Macedo, 34 annos, brasileiro, casado, sem assistencia medica.

15.—Um feto, filho de Joaquim da Costa.

16.—Um feto, filho de Francisco Valente. —José, filho de Lourenço Corrêa, 2 annos, sem assistencia medica. —Francisca, filha de Lucia Maria, 2 annos, uephrite aguda.

17.—Anna Gertrudes de Almeida Campos, 42 annos, brasileira, solteira, insuficiencia aortica.

18.—Francisca, filha de Benedicta da Silveira Moraes, 18 mezes, sem assistencia medica. —José, filho de Joaquim da Costa, 5 dias, sem assistencia medica.

19.—Trevizani Diletta, 26 annos, italiana, casada, anemia. —Gabriela de Abreu, 58 annos, brasileira, cirrose do figado. —Aurelia, filha de Rechi Ferdinando, 9 mezes, sem assistencia medica.

20.—Um feto, filho de Giuseppe Cazarini.

21.—Romualda, filha de Cezario Galvão, 2 annos, tuberculose pulmonar. —Benedicta filha de Alfredo de Moura, 3 mezes, marasmo.

22.—Santiago Gonçalves, 53 annos, hespanhol, viuvo, tuberculose pulmonar.

23.—Jauuario de Almeida, 55 annos, brasileiro, casado, hydropesia.

24.—Josephá de tal, 16 annos, solteira, broncho cellulite especifico e detritementaria. —Simão, filho de Adeliza de Moraes, 1 anno, gastro enterite.

26.—João Pedro de Lima, 50 annos, brasileiro, casado, lesão cardiaca. —Ignacia, filha de Ignacia Maria, 15 mezes, sem assistencia medica.

27.—Wenceslau, filho de Joaquim Bueno Ruivo, 14 mezes, gastro enterite.

28.—João Carlos Pereira, 65 annos, brasileiro, viuvo, febre typhoide. —Maria, filha de Marcellino de Almeida, 17 mezes, broncho pneumonia.

29.—Francisca, filha de Joaquim Rodrigues de Arruda, 50 dias, sem assistencia medica.

30.—Morini Pedro, 59 annos, italiano, casado, sem assistencia medica. —Eurides, filho de Manoel de Araujo Vianna, 16 dias, gastro enterite.

## Noticiario

### ESTUDANTES YTUANOS

No exame de sufficiencia para admisión na Escola Normal, foram approvadas as senhoritas Laura Martins de Mello, Maria Candida de Paula França e Laura de Paula França, aquella, filha do Sr. José Martins de Mello, e estas do senhor Braz de Paula França.

Na Escola Complementar de Piracicaba, foi approvada nas materias do primeiro anno, a nossa conterranea senhora Benedicta Rodrigues Seckler, irmã do nosso presado amigo padre José Rodrigues Seckler, vigario d'aquella cidade.

—Na Escola Complementar de Campinas, foram approvadas nas materias do primeiro anno, as senhoritas ytuanas Avea e Carisia Alvares Lobo, filhas do saudoso ytuano José Manoel da Conceição Lobo.

Nossas felicitações.

### LIVRARIA E PAPELARIA

Para o annuncio que hoje publica n'esta folha a Exma. Sra. D. Augusta Mehlmann, chamamos a attenção dos

leitores, e recommendamos esse novo estabelecimento ao publico.

**THEATRO S. DOMINGOS**

Na convocação publicada por esta folha em seu ultimo numero, no supplemento e que foi assignada pelo doutor Octaviano Pereira Mendes, onde se lê: — 3 de Fevereiro de 1904 leia-se 3 de Janeiro de 1904, conforme publicamos hoje.

**Secção Livre**

**Theatro S. Domingos**

A Commissão composta do Dr. Octaviano Pereira Mendes, Dr. José Elias Corrêa Pacheco, e Capitão José Antonio da Silva Pinheiro, nomeada em reunião de accionista de 31 de Julho de 1902, para apresentar o plano de reorganização do Theatro S. Domingos, convida a todos os accionistas a reunirem-se no dia 3 de Janeiro de 1904 ao meio dia no Club Lavoura e Commercio, (gentilmente cedido pela sua digna Directoria) para ser discutido o plano que será apresentado e bem assim o projecto de estatutos, devendo na mesma reunião eleger-se a directoria de accordo com o referido projecto.

Os accionistas que não poderem comparecer podem fazer-se representar por procuração passada a outro accionista.

O accionista que se apresentar sem que conste do registro feito, deve apresentar as acções, ou documento que prove ser accionista.

Ytú, 16 de Dezembro de 1903.

O Presidente da Commissão,  
OCTAVIANO PEREIRA MENDES.

**Declaração**

Tendo alguém feito propalar, que o negocio de secco e molhados, situado na rua das Flores, n.º 20, é de propriedade exclusiva do senhor Carlos de Arruda, meu concunhado; venho pela presente declarar que tal não é exacto, e que o mesmo é de minha inteira propriedade, como abaixo concorda o mesmo senhor Carlos de Arruda.

Ytú, 16 de Dezembro de 1903.

JOSÉ ANDRÉ DA COSTA  
CONCORDO.  
CARLOS DE ARRUDA.

**Canteiros e pedreiros**

A Companhia Ytuana de Força e Luz, precisa de canteiros e pedreiros bons, para as obras do canal no Salto de Ytú.

**Editaes**

O Doutor Aristides Martins de Lima Castello Branco, Juiz de Direito desta Comarca de Ytú, etc.

Faço saber que por parte do Doutor Eugenio Fonseca, me foi dirigida a petição do seguinte teor: Meretissimo Senhor Doutor Juiz de Direito. Pelo procurador abaixo assignado, dizem dona Escolastica Ferraz Negreiros, dona Maria Elias Negreiros, Mauro Negreiros, Francisco Negreiros, Alipia Negreiros, Nebridia Negreiros e Maria do Carmo Negreiros, que tendo proposto uma acção ordinaria para pagamento de divida contra Lourenço Correa de Negreiros e outros representantes da herança de José Correa Leite e sua mulher dona Anna Candida de Negreiros, estes herdeiros procuravam vender o unico immovel inventariado existente, e como tal alienação é manifestamente contraria aos interesses dos requerentes por ser uma fraude da execução, querem protestar como de facto protestam, intimando-se d'elle aos supplicados e futuros adquirentes para que não possam allegar boa fé. Nestes termos P. que D. esta ao segundo officio, por cujo tabellionato vai-se passar a alludida escriptura, se façam as intimações precisas, tomando-se este por termo e publicado pela imprensa. Por ser de J. E. D. Herdeiras a citar Lourenço Corrêa de Sampaio, Manoel Corrêa de Sampaio. Dona Gabriella Corrêa de Negreiros, Eugenio Corrêa Portella e sua mulher, Zacharias Corrêa de Sampaio. Sobre uma estampilha estadual do valor de duzentos réis. Ytú dois de Dezembro de mil novecentos e tres. O advogado Eugenio Fonseca, com protesto de juntar certidão de procuração em tempo, na qual proferi o seguinte despacho. D. A. Como requer. Ytú, 2-12-1903. C. Branco.

E logo em seguida o termo de protesto do theor seguinte: Termo de protesto. Aos dois dias do mez de Dezembro de mil novecentos e tres da Era Christã, nesta cidade de Ytú, Estado de S. Paulo, em meu cartorio perante mim escrivão, compareceu o Doutor Eugenio Augusto da Fonseca, por parte de seus constituintes dona Escolastica Ferraz de Negreiros, dona Maria Elias Negreiros, Mauro Negreiros, Francisco Negreiros, Alipia Negreiros, Nebridia Negreiros e Maria do Carmo Negreiros, e por elle me foi dito que na forma de sua petição retro que fica fazendo parte integrante d'este, protestava contra toda e qualquer alienação que fizessem dos bens immoveis

inventariados pertencentes a herança de José Corrêa de Almeida e sua mulher dona Anna Candida de Negreiros, representada cita herança pelos herdeiros Lourenço Corrêa de Sampaio, dona Gabriella Corrêa de Negreiros, Eugenio Corrêa Portella e sua mulher e Zacharias Corrêa de Sampaio e para que ninguem possa allegar boa fé, adquirindo os alludidos bens, cuja alienação será tida como em fraude de execução conforme dita petição. Assim disse e dou fé. elle pediu este termo que lhe fiz, lhe li, achou conforme e assigna com as testemunhas Gilberto Carneiro e João Martins Leme a tudo presentes e perante mim Dario Chagas, escrivão que escrevi. Eugenio Augusto da Fonseca. E para que chegue a noticia de todas mandei passar o presente que será publicado pela imprensa. Dado e passado nesta cidade de Ytú aos dois dias do mez de Dezembro de mil novecentos e tres. Eu Orosimbo Carneiro, escrevente juramentado que o escrevi. Eu, Dario Chagas, escrivão o conferi e subscrevi.—Estava sellado com uma estampilha no valor de duzentos réis, devidamente inutilizada.—Ytú, 2-12-1903.—O escrivão.—Dario Chagas. Aristides M. de Lima Castello Branco.

O Capitão Joaquim Antonio da Silva, Agente executivo da Camara Municipal desta Cidade e Municipio de Ytú etc. De ordem da Camara faço saber aos senhores contribuintes do imposto de Industria e Profissões, estabelecidos neste municipio, que serão considerados sujeitos ao referido imposto, todos aquelles que do dia 1º de Janeiro em diante estiverem com os seus negocios abertos, devendo portanto os que pretenderem deixar o exercicio de industria ou profissões, fecharem os seus estabelecimentos até o dia 31 do corrente mez. E para que ninguem allegue ignorancia faz o presente aviso.

Ytú, 18 de Dezembro de 1903.

O Agente executivo municipal,  
Joaquim Antonio da Silva.

**Annuncios**

**Dr. João Baptista Malheiros**  
**Rezidencia**  
RUA DA CONSOLAÇÃO N. 64 A.  
SÃO PAULO.

**Officina de Torneiro, Taneiro, Macineiro, e Carpinteiro**

O abaixo assignado, recentemente mudado para esta cidade, participa ao respeitavel povo ytuano, que acaba de abrir á rua de S. Rita n.º 1 esquina da igreja de S. Rita uma bem montada officina de torneiro, taneiro, marceneiro e carpinteiro, e que acha se habilitado a executar qualquer serviço d'esses ramos garantindo a maxima perfeição e modicidade em preços; e por isso espera merecer a confiança do publico ytuano.

Ytú, de Dezembro de 1903.

SYLVIO RUSSOLO.

**Livraria e Papelaria**

O abaixo assignado, participa ao publico ytuano que no dia 22 do corrente abrirá n'esta cidade, á rua do commercio n.º 132, uma bem montada livraria e papelaria onde o respeitavel publico encontrará sempre:

consilios ppra escriptorios  
Livros de orações e mais objectos de devoção.

Folhinhas e outros artigos pertencentes a este ramo. A proprietaria pede das Exmas. familias n'esta cidade, a sua benigna protecção.

AUGUSTA MEHLMANN.

**Armazem a Venda!!!**

Eu abaixo assignado querendo me retirar d'esta cidade, resolvi vender o meu armazem de secco, molhados, ferragens, louças situado á Rua de Santa Rita n.º 165, e sendo o dito armazem novo e as compras feitas em boas condições, tambem posso vender em condições vantajosa para liquidar por tanto se algum pretender dirijam até o dia 15 do corrente.

Tenho tambem em deposito grande quantidade de fumos, de diversas qualidades que querendo liquidar até o fim do corrente mez, vendo a preços sem competencia.

Ytú, 5 de Dezembro de 1903.

Ozorio Florencio d'Elboux.

**CARTÕES de visita.**—Aprompta-se com brevidade nesta typographia.

Gastão divertia se francamente; era um rapaz de boa indole, um tanto viciada pelos primeiros habitos.

Desejei tambem aturdir-me, tornar o coração e o pensamento indifferentes áquelle spectaculo, e partilhar da alegria que era realmente o melhor prato do banquete; mas o meu corpo ficava cheio, e sentia-me quasi triste, vendo essa formosa donzella de vinte annos, a beber e a fallar licenciosamente, e a rir-se tanto mais quando o que se dizia era mais escandaloso.

No entanto essa alegria, esse modo de fallar e de beber, que me pareciam dos outros convivas os resultados do deboche, do habito ou da força, em Margarida afiguravam-se-me como a necessidade do esquecimento, a febre, a irritabilidade nervosa.

A cada copo de vinho de Champagne, as faces cobriam-se-lhe de um rubor febril, e a tosse que se manifestara levemente no principio da ceia, augmentava cada vez mais, a ponto de a obrigar a estalar-se na cadeira, e a comprimir o peito nas mãos convulsas.

Doia-me entranhavelmente o mal que devia fazer áquelle fragil organisação tantos excessos repetidos todos os dias.

Emfim aconteceu o que eu previa, e receava. Quasi no fim da ceia, Margarida teve um accesso de tosse muito mais violenta que os outros; parecia que o peito estalava e se despedaçava interiormente. A pobre menina ficou vermelha como purpura, fechou os olhos nublados pela ancia da agonia, e levou aos labios o lenço, que appareceu logo manchado de sangue.

Levantou-se, e correu para a sala de toucador.

—Que tem ella? perguntou Gastão.

—Riu-se muito, e está a deitar sangue pela boca. disse Prudencia. Aquillo não é nada. Acontece-lhe todos os dias. Não tarda a voltar para a meza. E' melhor deixarem n'a só, que ella não gosta de ver ninguem, quando está afflicta.

Não pude conter-me, e apesar das exclamações de Prudencia e de Nanine, que me chamavam, corri para junto de Margarida.

—»«—

X

3 sala do toucador, onde Margarida se tinha refugiado, estava allumiada sómente por uma véla, que ardia sobre uma larga meza de ébano.

Estendida num grande canapé, desapertado o vestido, tinha uma das mãos sobre o peito, e deixava pender a outra.

deixam escapar o aromado liquido que encerram.

Emfim, ou fosse da propria natureza, ou do seu estado doentio, viam-se de tempos a tempos nos olhos d'aquella mulher uns relampagos de desejos, cuja expnsão radiante seria uma revelação do ceu, para o homem que ella amasse.

Mas os que tinham amado Margarida não se podiam contar, e os que ella tinha amado não se contavam ainda.

N'uma palavra, reconhecia-se na formosissima dama a virgem que um quasi nada transformára em cortezá, e a cortezá que um quasi nada tambem mudaria na virgem a mais amorosa e pura.

Conservava ainda todos os instinctos do orgulho e da independencia; dois sentimentos que, feridos, são capazes de fazer tudo o que faz o pudor.

Eu não lhe podia dizer uma só palavra; a minha alma concentrava-se no coração, e o meu coração nos olhos.

—Assim,olveu ella, sorrindo affectuosamente, como deleitando-se n'uma ideia fixa, era o senhor que vinha saber noticias minhas, quando eu estava doente?

—Sim, minha senhora.

—Sabe que fazia uma acção bonita, muito bonita? E que eu não sei realmente como hei de agradecer-lhe?

—Permitindo-me que venha algumas vezes vizital-a.

—Quando quizer; das cinco horas ás seis, e das onze á meia noite. Gastão, porque não toca o *Preludio da valsa*?

—Ora, para que?

—Em primeiro logar para me fazer a vontade, e em segundo logar porque nunca fui capaz de o tocar só.

—Que difficuldade lhe encontra?

—A terceira parte, a passagem a sustenidos. E' uma mudança de tom, que me custa a comprehender.

Gastão levantou-se, assentou-se ao piano, e começou a tocar essa esplendida melodia de Weber, cuja musica estava aberta na estante.

Margarida, apoiando uma das mãos no piano, olhava para a musica, seguia cada nota acompanhando-a em voz baixa, e quando Gastão chegou á passagem difficil, solfejou, simulando as vibrações do teclado com os dedos:

—Ré, mi, ré, dó, ré, fá, mi, ré, aqui está o que eu não sou capaz de fazer. Torne a começar.

Gastão repetiu, e Margarida disse-lhe:

—Agora deixe-me ver se posso vencer a difficuldade,

Assentou-se ao piano, e tocou: mas os dedos reberdes enganavam-

**TYPOGRAPHIA**

DA

«A CIDADE DE YTU»

Nesta bem montada officina aprompta-se com brevidade e perfeição, cartões de visita, participações de casamentos e baptisados, convites para enterros, facturas commerciaes, programmas para espectaculos etc.

**Vende-se a chacara da rua da Misericordia n.º 43, ou cortes para casar.**

**Vende-se tambem um bom piano para aprendiz.**

**Para tractar a rua do Commercio n.º 123, com Hermano Engler.**

**Casas á venda**

Vende se no Salto de Ytu quatro casas sendo uma no largo da Igreja e tres descendo para uma das fabricas, a do largo tem um terreno no mesmo largo de 20 metros; estão alugadas por 100\$ mensaes; a razão de resolver a dispor é por tencionar a mudar me esta para Sorocaba. Quem pretender dirija a

FERNANDO DIAS FERRAZ.

Papel de embrulho--

Vende-se aqui

**Atenção**

En abaixo assignado declaro que madeira não se vende apraso, para evitar aborrecimentos, faço sciente que as madeiras de minha caza para ser retiradas é preciso que primeiramente pague-se a sua importancia;

Taboas de Jaquitiba de 20 palmos de 12 polegadas, duzia 50\$000.

Idem de Jequitiba de 20 palmos de de 14 polegadas duzia 45\$000.

Taboas de forro de Jequitiba de 8 a 9 polegadas e de 20 palmos 25\$000 duzia.

Vigotas peroba para soalho a 300 o palmo;

Fernando Dias Ferraz.

**ADVOGADO**

Dr. Nicanor de Arruda Penteado

Para o bom andamento das causas no Tribunal de Justiça, corresponde-se com illustre advogado da capital.

YTU'--Rua Direita n. 28

**MARMORARIA**

**Aviso Importante**

O abaixo assignado faz sciente ao respeitavel publico d'esta cidade que no dia 1.º de Dezembro vae abrir de novo á rua do Commercio a acreditada--Marmoraria Ytuana-- encarregando se de qualquer obra de marmore, lavagem de tumulos, pedras e todo o serviço concernente a esta arte.

Preços nunca visto, porque as importações são directas da Italia.

Encarrega-se tambem de fazer qualquer obra da acreditada pedra Granito que se acha na Villa do Salto, como sejam tumulos cruces e qualquer obra para construção.

Espera o abaixo assignado merecer a confiança do respeitavel Povo Ytuano, para o que não poupará esforços em bem servir e caprichando nas encomendas que lhe forem feitas.

O MARMORISTA

**P. BONETTI**

EU--SOCIO DE L. MUTTI.

**Pharmacia Souza**



DE

**SOUZA & COMP.**

YTU'--RUA DO COMMERCIO, 115

(ANTIGA LOJA DO VEADO)

**Completo sortimento de drogas, e productos chimicos e pharmaceuticos, nacionaes e estrangeiros.**

**Aviam-se receitas com promptidão e accio a qualquer hora do dia ou da noite.**

O estabelecimento acha-se sob a gerencia do pharmaceutico Irineu Augusto de Souza, que está actualmente residindo á rua do Commercio, n. 92; e onde pôde ser chamado a qualquer hora da noite.

Dr. Enrico Viscardi

—»—

Medico--Cirurgico

Laureado pela Universidade de Pavia (Italia)

Habilitado pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

—»—

Residencia--SALTO DE YTU'

**Sorvete e gelo**

Jacinto Lacerda, participa aos seus freguezes, e ao respeitavel publico em geral que de hoje em diante terá a venda sorvete de fructas, e bem assim gelo de primeira qualidade.

Rua do S. Cruz 95.

**Papel de embrulho 5\$000 a arroba**

**FUMO**

o que ha de superior, só é encontrado no ARMAZEM DO QUEIMA, a rua da Palma, n. 53

Martins de Oliveira & Marins.

**ADVOGADO**

Dr. Eugenic Fonseca

**SANTOS**

ESCRITORIO: Praça da Republica n. 1. RESIDENCIA: Rua 11 de Junho, u. 22.

**Cigarros especiaes**

No armazem de Marcolino Cardozo, sito rua da Quitanda, vende se cigarros especiaes á cincoenta por cento.

se sempre sobre uma das notas, que acabamos de indicar.

—Parece inclivel, disse ella, com ingenuo accentto infantil; não sou copaz de executar esta passagem, por toais que faça. Acreditem que fico algumas vezes até ás duas horas da manhã a teimar, a zangar-me, e nada. E quando penso que esse imbecil do conde a toca sem musica, e admiravelmente, creio que é isso mesmo que me torna furiosa contra elle.

E recommençou o ensaio. sempre com os mesmos resultados.

Que leve o diabo o Weber, a musica, e os pianos, disse ella, atirando o caderno para o outro lado da sala; pois então eu não serei capaz de fazer oito sustentidos successivamente?

E cruzava os braços, olhando nos e batendo com o pé no chão.

Subiu lhe o sangue ás faces, e uma tosse ligeira agitou lhe os labios.

—Vamos, vamos, disse rudencia, que tinha já tirado o chapéu, e alisava os bandós do cabello ao espelho; se lhe dá para se zangar, adoece, e não tem vontade de ceiar depois. São horas de ceia, eu tenho muita fome.

Margarida tocou de novo a campainha; depois sentou-se ao piano, e principiou a meia voz uma canção libertina, em cujo acompanhamento nunca se enganava.

Gastão sabia a canção livre, e fizeram ambos uma especie de duo.

—Não cante isso, acudi eu, suplicante.

—Oh! como é casto, respondeu ella sorrindo-se, e estendendo-me familiarmente a mão.

—Não é por mim, é por v. ex.ª

Margarida fez um gesto, que queria dizer: —Ha muito tempo que me esqueci da castidade.

N'este momento appareceu Nanine.

—Está posta a ceia na meza? perguntou Margarida.

—Sim, minha senhora; d'aqui a um instante.

—E' verdade, disse me Prudencia, ainda não viu o salão? venha d'ahi, que vou mostrar lh'o.

Como sabe, era uma verdadeira maravilha.

Margarida acompanhou nos até á entrada; depois chamou por Gastão, e passou com elle á sala de jantar, para ver se a ceia estava prompta.

—Espere, acudiu Prudencia, chamando a, e reparando n'uma figurinha de Saxe, que estava sobre uma jardineira; não lhe conhecia este novo bijou!

—Que é?

—Um pastorinho, que tem uma gaiola com um passaro.

—Leve-o, se gosta d'elle.

—Mas talvez lhe faça falta.

—Não; já o queria dar á Nanine. Acho o detestavel. Se lhe agrada, leve-o.

Prudencia viu só o presente, e não a maneira porque lhe era feito.

Póz a deliciosa figurinha de Saxe de lado, e levou me a sala do tocador onde me disse, mostrando-me duas miniaturas, que estavam em symetria uma com a outra:

—Aquella é o conde de G..., que foi um dos grandes apaixonados de Margarida. Foi quem lhe abriu a entrada no mundo. Conhece o?

—Não. E este? perguntei eu, indicando a outra miniatura.

—E' o viscondesinho de L... viu-se obrigado a fugir...

—Porque?

—Porque estava quasi arruinado. Amava muito Magarida.

—E ella amava-o tambem, decerto?

—Ora... quem sabe? Não imagina; tem um genio muito esquisito aquella rapariga. Aqui para nós, creio que ella não ama ninguem. Na mesma noite em que elle fugiu, apresentou se no theatro, apesar de chorar, como uma criança, quando lhe disse adeus, como eu presenciei.

N'este momento appareceu Nanine, annunciando nos, que a ceia estava na mesa.

Quando entrámos na sala de jantar. Margarida no vão d'uma janella ouvia Gastão, que lhe fallava em segredo, apertando lhe a mão entre as suas.

—Está doido, respondia Margarida, bem sabe que não gosto de si. Não é ao fim de dois annos, que se conhece uma mulher como eu, e se pede que seja sua amante. Nós cedemos logo, ou nunca. Vamos, vamos para a meza.

E escapando-se das mãos de Gastão, Margarida fel o assentar á sua direita, a mim á sua esquerda, e disse depois a Nanine:

—Antes de te sentares recommenda ao porteiro que não abra a ninguem que bater.

Esta recommendação era feita ás duas horas da noite.

Rimo nos muito, comemos e bebemos muito n'aquella ceia.

Passados alguns minutos, a alegria transcendeu os ultimos limites, e essas palavras, que muita gente acha deleitaves, e que maculam sempre os labios que as proferem, estalavam de tempos a tempos, com grandes aclamações de Nanine, de Prudencia, e de Margarida.